



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAMILE ALVES DA SILVA

AS NUANCES DA PERSONAGEM ELINOR, EM “RAZÃO E SENSIBILIDADE”, DE  
JANE AUSTEN

GUARABIRA  
2017

**JAMILE ALVES DA SILVA**

**AS NUANCES DA PERSONAGEM ELINOR, EM “RAZÃO E SENSIBILIDADE”, DE  
JANE AUSTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Jamile Alves da.  
As nuances da personagem Elinor, em "Razão e Sensibilidade" de Jane Austen [manuscrito] : / Jamile Alves da Silva. - 2017.  
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Departamento de Letras - CH."

1. Feminino. 2. Elinor. 3. Padrões Sociais. 4. Razão. 5. Sensibilidade.

21. ed. CDD 820

**AS NUANCES DA PERSONAGEM ELINOR, EM "RAZÃO E SENSIBILIDADE", DE  
JANE AUSTEN**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa.

Aprovada em: 29 / 11 / 17.

**BANCA EXAMINADORA**

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Paulo Aldemir Delfino Lopes

Prof. Ms. Paulo Aldemir Delfino Lopes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo da S. Fernandes

Prof. Dr. João Paulo Fernandes da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar tamanha alegria, que foi estudar nesta Instituição de ensino, onde o meu crescimento foi nítido e notório para mim.

Agradeço em especial ao meu orientador Auricélio Soares Fernandes pela dedicação e paciência. Agradeço também a todo corpo docente desta instituição, por participarem de minha caminhada e contribuir para o meu crescimento.

Agradeço também a toda minha família, à minha mãe Edneide Felipe Alves, à minha irmã Juliana Alves, ao meu padrasto Luiz Gonzaga pela força e compreensão diária.

Agradeço ainda aos meus amigos, em especial Caliny Muniz e Gilliam Cândido. Obrigada pela amizade, pela compreensão e parceria ao longo desses quatro anos de curso.

Por fim, agradeço a todos que direta e indiretamente fizeram parte de minha caminhada pelo curso de Letras, ao meu amigo Aélson Pereira, sem o qual não conseguiria ter conseguido mais esta conquista.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	08
2	O Romantismo e Jane Austen no contexto da literatura inglesa do século XIX .....	09
2.1	Biografia de Jane Austen.....	11
2.2	A sociedade inglesa nos fins do século XVIII e início do século XIX.....	12
2.3	O patriarcado na sociedade inglesa do século XIX .....	14
2.4	Os direitos da mulher no século XVIII e a sociedade inglesa na época de Jane Austen.....	15
3	O feminino em <i>Razão e Sensibilidade</i> .....	17
3.1	As personagens femininas na obra de Jane Austen.....	17
3.2	<i>Razão e Sensibilidade</i> : representações do feminino na personagem Elinor.....	18
4	Considerações Finais .....	24
	REFERÊNCIAS .....	26

# AS NUANCES DA PERSONAGEM ELINOR, EM “RAZÃO E SENSIBILIDADE”, DE JANE AUSTEN

Jamile Alves da Silva

## RESUMO

O nosso trabalho tem como objetivo analisar as representações do feminino na personagem Elinor, no romance *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen (2010) e mostrar através de sua conduta racional, como a personagem colabora para a mudança de postura para as mulheres dessa época. O romance foi escrito entre o final do século XVIII e início do século XIX, durante a época romântica, quando a sociedade inglesa via a mulher como um ser limitado; seu papel social era relegado ao plano da família e a pretensão de casamento vantajoso, com o anseio de alcançar estabilidade financeira para o resto de suas vidas, já que elas não podiam estudar, votar ou até ocupar cargos públicos. Baseamos nossa pesquisa nos textos *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (2002), *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, entre outros, para que possamos compreender o papel da mulher na sociedade inglesa do século XIX, e como o comportamento de Elinor diverge dos padrões sociais das mulheres de sua época.

**Palavras-chave:** Literatura Inglesa; Jane Austen; Razão e Sensibilidade; Feminino.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the representations of feminine in the character Elinor, in Jane Austen's novel *Sense and Sensibility*, of Jane Austen (2010) and show through its rational conduct, how that character collaborates to the change of posture for women of this time. The novel was written during the late 18<sup>th</sup> century and the beginning of the 19<sup>th</sup> century, when English Society of this age saw women as limited individuals; their social role was relegated to the family plane and the claim to advantageous marriage, with the desire to achieve financial stability for the rest of their lives, since they could not study, to vote or to hold public office. Through texts *The Male Domination*, by Pierre Bourdieu (2002) *A Vindication of the Rights of Woman*, by Mary Wollstonecraft we can understand the role of women in 19<sup>th</sup> century in English society and how Elinor's behavior diverges from social standards of the women of her time.

**Keywords:** English Literature; Jane Austen; Sense and sensibility; Feminine.

## 1 INTRODUÇÃO

Considerada porta-voz da mulher do século XIX, Jane Austen traz em suas obras a figura da mulher como um ser forte e racional, e com pensamentos visionários, colocando abaixo o mito da fragilidade feminina, tendo em vista que as mulheres eram vistas como símbolo de fragilidade, sendo a elas negados os direitos de estudar, votar e ocupar cargos públicos. As únicas coisas permitidas à classe era cuidar dos seus lares e família.

A pesquisa em questão trata-se de uma análise feita a partir da leitura do romance *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen (2010), o qual nos propomos a analisar o comportamento da personagem Elinor Dashwood, que apresenta uma conduta diferente das mulheres de sua época, do século XIX.

Proporcionaremos uma breve explanação do Romantismo, movimento artístico que surgiu no final do século XVIII, pois foi neste período que Jane Austen começou a desenvolver a sua escrita. Podemos notar que a autora foi bastante influenciada pelas questões da sociedade inglesa, uma vez que os seus romances retratam diversas problemáticas da época.

Veremos também que, em *Razão e Sensibilidade*, a autora faz uma crítica no que se refere ao casamento como via ao status social, pois para a autora o casamento deveria se dar por dois motivos: pelo o amor e também pela questão econômica, embora ela leve em maior consideração as questões que envolvem os sentimentos.

Portanto, no segundo capítulo elucidaremos acerca de como o Romantismo se faz presente na literatura de Jane Austen, de forma que possamos entender o contexto patriarcal do século XIX e como a usual submissão feminina influenciou na sua vida e obra.

Em seguida, dedicaremos o terceiro capítulo para discutir sobre as principais personagens criadas por Jane Austen, apresentando a análise da obra que nos propomos a estudar, focando essencialmente na personagem Elinor e nos conflitos sociais que surgiram no século XIX.

Para fundamentar nosso trabalho, utilizamos os estudos de Zardini (2013), Campoi (2011), Bourdieu (2002), Wollstonecraft (2016), Nísia Floresta (1989), dentre outros, os quais, em suma, apontam na direção de que o patriarcado foi instaurado



na sociedade como forma de recluir as mulheres à labuta doméstica, negando-lhes o acesso à educação, à política e aos demais âmbitos sociais.

## **2 O ROMANTISMO E JANE AUSTEN NO CONTEXTO DA LITERATURA INGLESA DO SÉCULO XIX**

O Romantismo foi um movimento artístico surgido na Europa no final do século XVIII, tendo se perpetuado de forma mais efetiva no século posterior. Essa escola literária surgiu num cenário burguês durante a Revolução Industrial.

Nesse período, o capitalismo se instaurava na sociedade inglesa, passando a realizar inúmeras mudanças, principalmente quanto à forma como a economia interferia diretamente nas relações pessoais. A respeito deste marco na cultura ocidental, podemos apontar que:

A Revolução Industrial foi uma grande propulsora do movimento romântico inglês uma vez que, com a vitória dos burgueses sobre os remanescentes do regime medieval na Revolução Gloriosa de 1688, a Inglaterra se tornou pioneira do capitalismo industrial, já que como não existia concorrência internacional e nem mesmo algo semelhante a um processo de industrialização, o mercantilismo inglês pôde se expandir assim como o capitalismo (FELIZOLA & MOREIRA, 2009, p. 2).

Ademais, o Romantismo pode ser entendido como sendo:

[...] um movimento que atravessa fronteiras, espalhando-se pela Alemanha, França, Inglaterra e além alcançou configurações que se estruturaram com particularidades diversas, destacando-se formas singulares de elementos comuns ao movimento romântico conforme as regiões em que delineou sua identidade – como ocorreu com o desenvolvimento da forte tendência à interiorização e a presença do sobrenatural na produção literária, além da intensidade revolucionária, no romantismo inglês. (MOTTA, 2016, p. 3)

O Romantismo como corrente literária fez forte oposição a tudo que era considerado clássico, colocando o indivíduo no centro das narrativas e as mulheres passaram a ter um significativo destaque na sociedade: “O movimento romântico [...]

recusa a cosmovisão racionalista e a estética neoclássica a ela ligada”<sup>1</sup>, uma demonstração de que o indivíduo romântico necessitava escapar da realidade.

O escritor inglês Samuel Richardson (1689-1761) foi um dos precursores do movimento romântico na Europa e pode-se inferir que ele teve muita influência sob Jane Austen, uma vez que a mesma cita diversas de suas obras em manuscritos encontrados por sua família. Porém, outros escritores tiveram bastante destaque na época, tais como: Lord Byron (1788-1824), William Wordsworth (1770-1850), William Blake, dentre outros.

A literatura de Jane Austen foi escrita e publicada no período do Romantismo, e muitas das temáticas que a escritora aborda em sua obra, a exemplo da sociedade da época, os conflitos familiares, as relações de amizade e as pretensões a um casamento bem-sucedido, são comuns ao Romantismo. No entanto, seus romances fazem duras críticas às instituições burguesas de sua época.

Para se viver em sociedade, as moças do século 19 tinham que seguir muitas regras de conduta, de etiqueta e padrões de moral. A maior parte da população inglesa vivia na zona rural, onde havia pouquíssimas oportunidades de as regras serem quebradas. Mesmo em Londres era praticamente impossível para qualquer pessoa não participar de eventos sociais, já que a maioria das famílias tinha hábitos parecidos quando iam às grandes cidades em determinadas épocas do ano. (ZARDINI, 2013, p. 5)

Jane Austen se estabeleceu como uma das escritoras inglesas mais reconhecidas a nível mundial, principalmente pelo fato de não utilizar pseudônimo em suas obras, algo bastante vanguardista para a época, visto que o cenário do século XIX era predominante masculino, sobretudo na literatura.

A autora começou a publicar seus romances durante o reinado de Jorge IV, o qual esteve na regência do Reino Unido e de Hanôver no período de 1820 a 1830. O referido Regente era conhecido por sua grande extravagância na maneira de viver e de se vestir. A sociedade inglesa, portanto, seguia os passos do seu Príncipe Regente, valorizando tudo o que era luxuoso, característica que muitas vezes podemos notar nas obras de Austen, a qual costumava fazer relatos sobre os bailes da época, como também sobre a vida luxuosa da sociedade burguesa.

---

<sup>1</sup> Romantismo e Classicismo. Disponível em: <[http://miniweb.com.br/literatura/artigos/Rom\\_Class.pdf](http://miniweb.com.br/literatura/artigos/Rom_Class.pdf)>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

Sabendo da relevância de Jane Austen, apresentaremos de forma sucinta a seguir um tópico sobre sua vida e obra, com o intuito de construirmos uma maior afinidade entre o leitor e a autora, a fim de contribuir para interpretação da obra e os temas intrínsecos a mesma.

## 2.1. Biografia de Jane Austen

Austen é considerada uma das mais importantes escritoras inglesas do século XIX, tendo o seu legado se estendido até os dias atuais. A autora nasceu em Steventon, na região de Hampshire, na Inglaterra, em 18 de julho de 1775, sendo a sétima filha do casal George Austen e Cassandra (*Leigh – nome de solteira*).

Os pais de Austen sempre investiram em sua educação, tendo-a mandado para estudar em colégios e internatos de Southampton e Reading. Seu pai era um reverendo que também trabalhava como tutor de crianças que viviam em sua casa, e sua mãe era uma dona de casa, como de costume na época. Seu pai veio a óbito em 1805, deixando assim as filhas e a esposa dependente dos outros filhos homens. Sendo assim, em 1806 a família se mudou para Southampton e em seguida, no ano de 1809 se mudaram para Chawton, para viverem mais próximas de um dos seus irmãos, que sempre estava ajudando a sustentar a família, visto que o pai de Austen acabou deixando a família em situação financeira vulnerável.

Austen viveu até aos 41 (quarenta e um) anos de idade, onde se encontrava com sua escrita bastante ativa, tendo até mesmo que interromper o processo criativo de um dos seus livros para realizar um tratamento terapêutico na cidade de Winchester. De acordo com a biografia escrita por seu irmão Henry Austen (1833), suas últimas palavras foram: “Não quero nada mais que a morte”. Deixando todo o legado conquistado para a sua irmã Cassandra. Atualmente o seu túmulo, que está localizado na Catedral de Winchester é sempre bastante visitado por fãs de todo o mundo.

A autora escreveu e publicou seis romances completos, sendo: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Mansfield Park* (1814) enquanto estava viva, e *Emma* (1815), *Northanger Abbey* (1818) e *Persuasão* (1818) postumamente. Todos os seus romances descrevem a sociedade inglesa da época, para tanto, iremos abordar no próximo subcapítulo acerca das características dessa sociedade nos fins do século XVIII e no início do século XIX, com o objetivo

de entendermos melhor a narrativa das obras de Austen, especificamente de *Razão e Sensibilidade*, a qual nos propomos a analisar.<sup>2</sup>

## 2.2 A sociedade inglesa no fim do século XVIII e início do século XIX

O final do século XVIII na Inglaterra foi marcado pela instauração do capitalismo como regime prioritário na economia, devido a Revolução Industrial, que demarcou o declínio das práticas feudalistas e acarretou nas principais mudanças nos meios de produção, prevalecendo, portanto, a mecanização industrial.

O homem passou a ser operador de máquinas. No sistema novo de produção a cabeça, o caput, é a máquina. O trabalho é colocado a serviço da máquina. Capital e trabalho passam a viver intimamente associado, como uma espécie de verso e anverso de uma mesma moeda, de forma que o capital não vive sem o trabalho e este não tem espaço fora do capital. (GIRARDI, 2005, p. 15)

Por volta de 1750 as máquinas começaram a ser utilizadas nos meios de produção, substituindo os métodos manuais de manufatura. Tendo sido a Inglaterra considerado o país que mais acumulou capital a partir da implantação desse sistema, uma vez que ocorreu a ampliação dos tráfegos ferroviários e navais, possibilitando o alavancar das vendas comerciais, a partir da exportação de mercadorias em trens e navios movidos a vapor.

Com a Revolução Industrial a Inglaterra também conseguiu implantar um sistema bancário bastante efetivo, bem como deparou-se com o fenômeno do êxodo rural, uma vez que os grandes proprietários de terras começaram a comprar as terras dos pequenos agricultores, por valores irrisórios, como também muitos desses grandes proprietários ganharam as terras dos pequenos através de ordem judiciais.

A partir do êxodo rural, os indivíduos começaram a ocupar os espaços urbanos, tendo de se submeter a trabalhos nas grandes indústrias, que na época exploravam o trabalhador e o submetiam às formas mais inclementes de violação aos direitos humanos. Os trabalhadores eram submetidos a níveis altos de estresse

---

<sup>2</sup> OBRAS DE JANE AUSTEN. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Obras\\_de\\_Jane\\_Austen&oldid=50674621](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Obras_de_Jane_Austen&oldid=50674621)>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

e esforços repetitivos, além do que, não havia um critério para serem empregados das fábricas, homens, mulheres e crianças eram submetidos a todo tipo de serviço, pois o importante era impulsionar os níveis de produção. Ainda nesse período a classe burguesa começou a fazer uso de bens de consumo, cuja tecnologia era bastante avançada na época, tais como: o telefone, a iluminação a gás, os transportes, dentre outros.

Para Foucault (1979) essa sociedade burguesa foi quem começou a ocupar os espaços dos setores públicos, ocupando então os espaços políticos, jurídicos, administrativos e empresariais. Uma vez instauradas tais instituições, só eram reconhecidos como legítimos os homens brancos, heterossexuais e ricos em sobrenome e fortuna, sendo excluídos todos os outros indivíduos que não se enquadravam nesses perfis.

Durante um longo período as vozes femininas foram escassas, mas após o século XVIII um número cada vez maior de mulheres conseguiu deixar provas de sua existência no tempo, muitas vezes através da própria escrita, tanto de diários e cartas, quanto da escrita literária ou filosófica. (BIGUELINI, 2009, p. 11)

No final do século XVIII e início do século XIX as mulheres passam a ganhar um maior visibilidade na sociedade, e esse novo olhar para as instituições burguesas faz com que significativos avanços ocorram, mesmo de forma simbólica. Com a escrita, por exemplo, as mulheres passam a exteriorizar o sentimento de não pertença e de revolta, mesmo que de forma privada, como acontece com as escritas em diários, objetos com teor confidencial e que muitas vezes serviram como base na escrita de muitas autoras. Esse despertar da inquietação feminina acarreta em uma maior imposição do patriarcado na sociedade, o qual opera diretamente como um instrumento de controle social, obrigando a mulher a servir ao homem e ao lar, negando-lhe autonomia de pensamento e de ação.

Embora a pressão por parte das entidades burguesas se intensificasse, foi neste período que as mulheres começaram a reivindicar pelos seus direitos a fim de conquistar autonomia e se desvincular do fechamento doméstico, conforme elucidaremos melhor nos próximos desdobramentos do tópico a seguir.

### 2.3 O patriarcado na sociedade do século XIX

Desde que as instituições burguesas frutos do patriarcado foram instauradas, elas se limitam a legitimar apenas aqueles que se enquadram dentro de um determinado perfil, excluindo assim os que se encontram em posições divergentes aos exigidos por essas instituições. O seguinte trecho nos fornece a presente definição:

PATRIARCALISMO pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência. (BARRETO, 2004, p. 64)

Em suma, desde os primórdios a mulher é renegada por parte dessas instituições burguesas, pois são consideradas inferiores aos homens. Esse conceito de inferioridade, segundo Campoi (2011) vem desde o século das Luzes, uma vez que os filósofos argumentavam que as mulheres eram mais frágeis fisicamente, e, por conseguinte, eram também mais frágeis intelectualmente. Isso ocorre, segundo Bourdieu, pelo fato do patriarcado ser bem alicerçado na sociedade. Para o sociólogo, nós não pensamos, não agimos e nem nos relacionamos por nós mesmos, mas sim de acordo com as regras ditadas pelo patriarcado, ou pela “dominação masculina” (BOURDIEU, 2002).

Na mesma obra, o sociólogo tenciona sua narrativa na direção de tentar explicar que essas instituições burguesas foram pensadas e preparadas para servir apenas àqueles que as instituíram, pois se o homem não tinha poder aquisitivo, logo estaria longe de servir para essas instituições. Se o sujeito era feminino, logo também não serviria.

[...] com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. A violência simbólica não se processa senão através de



um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato que se efetiva aquém da consciência [...] (BOURDIEU, 2002, p.53).

São por esses motivos que as mulheres precisam lutar tanto para conseguir obter conquistas semelhantes às dos homens, pois o sistema está tão recluso e impetrado no âmbito social que até mesmo as pessoas que são excluídas dele acabam por se conformar, como se fosse algo simplesmente instituído por uma instância divina.

Ao escrever seus romances, Jane Austen traz uma nova faceta à literatura: seus livros possuem uma sagacidade e ironia incomuns em sua época. A escritora foi pioneira ao expor o que antes era frívolo e considerado 'sub-intelectual' com muito humor e inteligência. Além disso, pode ser considerada aquela que modernizou o romance, pois seus livros envolvem histórias sobre como ser uma mulher no século XIX, mas ao fazer isso, ela elevou o trivial a uma forma de arte [...]. (ZARDINI, 2013, p. 5)

Neste sentido, podemos afirmar que a escrita de Jane Austen objetiva despertar nos leitores uma crítica acerca desses moldes da sociedade, partindo do pressuposto de que a estrutura social em nada favorece as mulheres, tendo em vista que no século XIX, conforme elucidações anteriores, as mulheres não tinham autonomia alguma, suas opiniões e escolhas não tinham nenhuma legitimidade na sociedade.

A crítica literária considera que a escrita de Austen recebeu bastante influência de Mary Wollstonecraft, uma autora que se destacou no século XVIII devido à publicação de um livro intitulado "Reivindicação dos Direitos da Mulher" (1792), no qual protestava contra as desigualdades entre homens e mulheres, reivindicando por igualdade especialmente no âmbito científico. Portanto, utilizaremos seu manifesto para contextualizar o próximo subcapítulo.

## **2.4 Os direitos da mulher no século XVIII e a sociedade inglesa na época de Jane Austen**

O século XVIII demarcou um período de grandes avanços na tecnologia. Em contrapartida o patriarcado se firmava cada vez mais na sociedade ocidental, de

modo que as mulheres eram excluídas de quase todos os âmbitos sociais, estando aptas apenas à labuta doméstica, ou seja, não podiam estudar, votar, nem ocupar os cargos públicos. As únicas coisas que elas podiam fazer era cuidar da casa, do marido e dos filhos. Assim,

[...] uma das principais consequências da Revolução Francesa foi a definição e diferenciação dos papéis sexuais, passando a valorizar a família, com ênfase no papel da mulher doméstica, cuja característica central era a afetividade, em contraposição à racionalidade e eficiência masculina no âmbito político. Neste sentido, a mulher como mãe ocupa um lugar primordial neste novo perfil de espaço familiar, fundamentado em particularidades ditas femininas, como fragilidade e dependência e em sentimentos de carinho e amor que eram direcionados ao marido e aos filhos.<sup>3</sup>

Foi nesse período que a escritora Mary Wollstonecraft escreveu o manifesto intitulado *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, em 1792, sendo considerada a precursora do movimento feminista.

A autora faz uso de uma escrita subversiva, ou seja, apresenta argumentos com o intuito de derrubar os preceitos machistas implantados na sociedade, denotando a respeito das injustiças sofridas pelas mulheres, escrevendo com maestria sobre o quão injustas são as relações sociais para o gênero feminino, embora essas sejam o pilar da sociedade, pois são as mulheres que geram e educam os homens.

Wollstonecraft (2016) afirma que as mulheres devem ter acesso à educação na mesma proporção que os homens, pois só assim elas terão a permissão de ocupar os cargos públicos. Ou seja, ela afirma que as mulheres não podem ocupar os cargos públicos por não terem acesso a uma formação científica, e em contrapartida não podem ter acesso à formação científica, pois não estão aptas nem vislumbram, em sua maioria, a ocupação de cargos públicos.

O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século,

---

<sup>3</sup> O papel das mulheres no Século XVIII e a influência da Revolução Francesa. Disponível em <<http://temafeminismopolitico.blogspot.com.br/2015/03/mulheres-do-seculo-xviii.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.



com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25)

Para a autora, o patriarcado criou e instituiu uma imagem de que a mulher para ser considerada decente e ter bons preceitos morais, deveria almejar por um bom casamento, bem como deveria vivenciar os conceitos de que as mulheres são seres naturalmente meigos e amáveis, que abominam qualquer tipo de aventura.

Wollstonecraft desenvolve o seu manifesto de forma que ela realiza questionamentos e ao mesmo tempo os responde, ao passo que ela questiona a falta de acesso à educação, ela contrapõe o seu questionamento argumentando que só a partir de uma educação igualitária as mulheres poderiam auxiliar o homem a conquistar o progresso da ciência e da virtude. Desta forma, podemos dizer que a obra de Austen tem uma grande influência da obra de Wollstonecraft, visto que a autora costuma descrever a sociedade do século XIX de forma irônica, vislumbrando despertar no leitor um sentimento de contradição com relação ao que era instituído como certo e errado naquele período.

### **3. O FEMININO EM *RAZÃO E SENSIBILIDADE***

#### **3.1. As personagens femininas na obra de Jane Austen**

Jane Austen pode ser considerada uma das portadoras da voz do universo feminino do século XIX. Suas personagens marcantes na literatura mostram o quanto a mulher desse século vivia preocupada com sua reputação e de serem obrigadas a casar a qualquer custo.

As questões econômica e social levavam as mulheres dessa época a casar, com o intuito de adquirir uma maior ascensão social. Na maioria das vezes as mulheres não podiam herdar a herança deixada por seus pais, pois a preferência era que a herança fosse destinada ao parente homem mais próximo.

As mulheres herdavam o título apenas no nome, porém não ficavam com as heranças, como os casos de Lady Catherine de Bourgh (*Orgulho e preconceito*), Lady Bertram (*Mansfield Park*), Lady

Middleton (*Razão e Sensibilidade*) e Lady Russel (*Persuasão*). (ZARDINI, 2011, p.7)

Uma das personagens mais notórias de Jane Austen é Elizabeth Bennet (*Orgulho e preconceito*), sendo considerada uma das mais fortes e decididas personagens da literatura romântica do século XIX. Elizabeth Bennet, por ser a segunda filha mais velha da família Bennet, que poderia ter como prioridade casar-se e constituir uma família, mas recursou a casar com Mr. Collins (ele mesmo sendo o herdeiro direto do pai de Lizzy).

Lizzy acaba casando por estar apaixonada por Mr. Darcy, que no início do romance não tinha a simpatia da moça, mas acaba conquistando o coração da jovem ao decorrer da história. Eram raros os casos de casamento por amor, apesar de todas as heroínas de Austen terem um final feliz com seus escolhidos, não por causa do poder aquisitivo do marido, mas por estarem apaixonadas.

### **3.2 Razão e Sensibilidade: Um breve panorama**

*Razão e sensibilidade*, romance de 1811, foi o primeiro livro publicado por Jane Austen, o qual conta a história de duas irmãs Elinor e Marianne, as quais podemos entender como sendo representações da razão e da sensibilidade, respectivamente. O fato de uma mulher ser considerada um ser racional se contrapõe ao que a sociedade está acostumada, uma vez que “faz parte do imaginário coletivo do mundo ocidental a ideia de que o homem seja dotado de razão e a mulher, de sensibilidade” (RIBEIRO, 2011, p. 477).

Elinor é caracterizada com um perfil mais sério, sensato e muitas vezes frio, enquanto Marianne é uma personagem mais sensível e emotiva. As duas irmãs são uma espécie de balança, onde uma ajuda a equilibrar a outra, embora vivenciem alguns conflitos no decorrer da história. Elinor sempre dá conselhos a Marianne quanto a não se entregar tão facilmente ao seu amado, enquanto Marianne aconselha Elinor a se jogar de cabeça nas relações e não ser uma pessoa tão fechada.

*Razão e Sensibilidade* é ambientado na Inglaterra no século XIX e aborda diversos temas, como: amor, casamentos arranjados, status social, amizade por interesse, dentre outros. O romance foi escrito em um período onde as mulheres

eram impostas à submissão aos homens, devido à forte presença do patriarcado, sistema que colocava a mulher em situação de dependência financeira e social. Elas casavam para cuidar do lar e dos filhos que viriam a ter.

O casamento por amor e o casamento por dinheiro são frequentemente discutidos pelas personagens de Austen, pois esta era, de certa forma, uma temática recorrente no cotidiano das famílias do século XIX, cujos filhos escolhiam seus parceiros movidos pelos sentimentos [...]. (BIGUELINI, 2009, p. 35)

O patriarcado predominava no século XIX, e as personagens Elinor e Marianne vivem na pele as duras consequências desse patriarcado. As irmãs Elinor, Marianne e Margareth perdem o pai muito cedo e não podem administrar a herança deixada por ele, justamente pelo fato de que na sociedade da época o que predominava era o preceito de que as mulheres não tinham competência para administrar as finanças da família, portanto a herança foi destinada ao irmão delas, tornando-o tutor das mulheres da família, o qual é fruto do primeiro casamento do seu pai.

Para Moura (2015), esse cenário hostil não impediu que Austen criticasse os preceitos patriarcais e machistas da época, por isso as suas obras são sempre protagonizadas por personagens femininas, as quais têm traços pessoais bastante marcantes, assim como Elinor e Marianne, visto que a autora pautava assuntos de grande importância para o indivíduo feminino, e muito embora tenha feito isso de forma discreta, conseguiu despertar essa criticidade nos seus leitores, uma vez que apresenta as suas queixas contra a estrutura da sociedade oitocentista de forma corriqueira. Além disso, segundo a referida autora, a inserção de heroínas na obra de Austen acarretou na desmistificação de que as mulheres estão sempre “à sombra da figura masculina”.

As irmãs em *Razão e Sensibilidade*, após a morte do pai, vão morar em outro local, na residência de uns parentes distantes. Elinor é a filha mais velha, e o alicerce de sua família, ela "possuía uma força de entendimento e uma frieza de julgamento que a qualificavam, embora tivesse apenas dezenove anos, para ser a conselheira da mãe" (AUSTEN, 2010, p. 13), visto que a sua mãe, a Sra. Dashwood é um tanto desprovida de sensatez. Elinor é retratada na obra como sendo uma jovem muito sensata, sempre aconselhando a sua mãe nos assuntos da casa.

Enquanto sua mãe (Sra. Dashwood) ainda não se conforma com a atuação de seu enteado para com ela e suas filhas, Elinor aprende a ser prática e assume o papel de figura central da família, utilizando sua razão como principal ferramenta para conduzir as situações e se precaver das eventualidades. (BUSS, 2011, p. 33)

A filha do meio, Marianne, é representada como "sensível e inteligente, mas intensa em tudo: suas angústias, suas alegrias não tinham limites" (AUSTEN, 2010, p. 13), embora seja um pouco mais complicada, também consegue de adaptar em seu novo lar e à quebra de padrão de social que passam a vivenciar após a morte do pai.

Por sua vez, Margareth, a irmã mais nova, é descrita como:

Uma menina saudável e bem-humorada; como já observara uma boa quantidade de romantismo de Marianne, sem ter absorvido também sua razão, aos treze anos não prometia igualar-se às irmãs em um período mais adiantado da sua vida. (AUSTEN, 2010, p. 4)

As duas irmãs mais velhas se apaixonam por rapazes distintos, e vivem a experiência do primeiro amor dissemelhantemente. Enquanto Elinor apaixona-se por Edward Ferrars e vive este sentimento de forma sábia e sem muitas expectativas, chegando a irritar sua irmã, Marianne, a qual vive um sentimento pelo Mrs. Willoughby da maneira mais confusa e ingênua, criando conflitos por toda a história.

Ao avançar da narrativa as irmãs resolvem darem-se em matrimônio. Elinor com o homem que amou desde o início do romance, Mr Edward, irmão de sua cunhada, a senhora Fanny; e Marianne, que em primeiro momento deslumbra-se em uma paixão arrebatadora por Mr. Willoughby, mas acaba sofrendo uma grande desilusão, reforçando ainda mais o discurso de Elinor a respeito de não criar tantas expectativas em um rapaz, que nem mesmo sabia se amava de verdade. Contudo, Marianne resolve ouvir os conselhos de sua irmã mais velha e enxergou no Coronel Brandon um homem educado e encantador. Casaram-se e foram exemplo de felicidade.

No início do romance, as irmãs Dashwood perdem seu pai; a herança passa para o irmão delas, já que ambas não poderiam herdar absolutamente nada. Elas

mudam de casa e passam a ganhar um valor específico e irrisório que mal dá para sobreviver, conforme combinado com o seu irmão, valor esse manipulado por sua cunhada, uma mulher arrogante, que manipulava seu marido o tempo todo, uma vez que “a sra. John Dashwood não aprovou, de modo algum, o que o marido pretendia fazer pelas irmãs” (AUSTEN, 2010, p. 7), porém o irmão mais velho, e agora tutor, demonstra estar decidido a ajudar as irmãs, pois visava cumprir a promessa que fizera ao seu pai, antes da sua morte:

– Ele não estipulou soma alguma, minha querida Fanny. Apenas me pediu, em termos gerais, que as amparasse e tornasse a situação delas mais confortável do que ele poderia tornar. Talvez teria sido melhor se tivesse deixado tudo por minha conta; afinal, dificilmente ele poderia pensar que eu as negligenciaria. De qualquer modo, fiz a promessa e ela tem de ser cumprida. Algo deve ser feito por elas, mesmo que deixem Norland para ir morar em outra casa. (AUSTEN, 2010, p. 7 e 8)

Como argumentado anteriormente, as mulheres do século XIX não podiam administrar a herança dos seus pais, pois o patriarcado era o que predominava a sociedade dessa época. Havia uma concepção que homens e mulheres possuíam capacidades bastante diferenciadas, não havia igualdade entre os sexos em nenhuma área na sociedade, elas estavam sempre abaixo da figura masculina.

Embora fosse bastante jovem, Elinor apresenta-se com pensamentos e atitudes diferentes das mulheres que vivem à sua volta. Ela é diferente de suas irmãs, caracteriza-se como a conselheira da própria mãe, demonstrando sempre ser uma moça dedicada à sua família e muito centrada em seus objetivos. Entretanto, ninguém conhece a fundo os seus sentimentos, devido aos seus excessos de sensatez e cautela, ela não deixa os seus sentimentos assim tão claros para os outros, como percebemos no trecho a seguir:

– Desculpe-me e tenha certeza que não tive a intenção de lhe ofender ao me referir com palavras tão contidas a respeito de seus sentimentos. Acredite que eles são maiores do que eu disse. Em suma, acredite que estão à altura dos méritos dele, e a suspeita... a esperança, na verdade, de que sinta afeto por mim se justifica, sem imprudência ou loucura. (AUSTEN, 2010, p.19)

Sempre reservada, Elinor pede que Marianne tente fazer o mesmo, pois, assim seria menos desgastante para ela. Mas Marianne não aceita a ideia de conter seus sentimentos, demonstrando-os sempre da maneira mais confusa e sem limites, o que faz com que ela vivencie grandes decepções, as quais foram frutos das ilusões que a irmã do meio fazia questão de criar. Assim, nos deparamos com a grande diferença das irmãs Dashwood: ambas eram capazes de amar, porém Marianne não tem controle sobre suas emoções. Elinor tem consciência desta diferença e vê com preocupação a sensibilidade da sua irmã:

Elinor não se surpreendeu com o apego entre eles. Apenas desejava que tal sentimento fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes se atreveu a sugerir a Marianne que ela deveria agir com mais comedimento. (AUSTEN, 2010, p.42)

No entanto, Marianne não leva os conselhos da sua irmã em consideração e insiste em manifestar seu sentimento de forma extravagante, e continua a discriminar sua irmã por ser tão contida para com aquilo que sente.

Elinor possui uma força de entendimento e uma frieza de julgamento que a qualificam. “– Então você teria me dito que isso pode ou não ter ocorrido. Ah, Elinor, como são incompreensíveis seus sentimentos! Prefere acreditar antes no mal que no bem” (AUSTEN, 2010, p. 59). Embora Marianne considere que a irmã seja uma pessoa negativa e que não consegue confiar nas pessoas, Elinor se justifica ao afirmar: “Bem – diz Elinor – é um conforto estar preparada para o pior. Pois já se tem as respostas prontas”. (AUSTEN, 2010, p. 183).

A personagem é bastante contida, mas isso não se dá simplesmente pelo fato dela ser dura ou impossível de amar e ser amada, o fato de Elinor ser mais sensata se caracteriza como um mecanismo de defesa, visto que tem medo de passar por situações constrangedoras e ilusórias, uma vez que já percebeu a dinâmica da sociedade em que vive, onde as mulheres estão sempre em situação mais vulnerável.

Além de sua sensatez, Elinor é forte e decidida, pois não se preocupa em possuir o que a sociedade da época cobrava das moças que pretendiam se casar. As mesmas eram “obrigadas” a serem prendadas, aprender a fazer corte e costura, aprender tocar um instrumento musical, saber dançar, entre outros atributos e

qualidades, para que os rapazes pudessem se interessar por elas, ou seja, as mulheres eram estimuladas a desenvolverem habilidades com o intuito de ser um modelo perfeito para o homem, ganhando sua atenção. E tirando a “sorte grande” de vencer na vida, ao ser tomada em casamento.

Contudo, Elinor não se interessa por essas atividades manuais ligadas ao que a mulher pode fazer de útil para os seus maridos e filhos, ela se interessa apenas pela arte de desenhar, habilidade que não se esperava de uma mulher da época, visto que esse tipo de arte era considerado desnecessária numa sociedade burguesa e capitalista.

De acordo com Moura (2015), Elinor é o retrato do que a sociedade da época exigia das mulheres, pois é recatada e espera pelo amor da sua vida, foge de qualquer tipo de situação embaraçosa e possui um comportamento respeitável, muito embora não tenha desenvolvido seus dotes manuais. Por outro lado, a autora afirma que Marianne não é bem vista pela sociedade da época, pois é impulsiva e se entrega facilmente nas suas relações, sendo definida pela sociedade machista de sua época como uma pessoa dramática, que não tem controle dos seus próprios sentimentos, e que vive esses sentimentos da forma intensa e irresponsável.

O patriarcado disseminou a concepção de que as mulheres, por serem as responsáveis por gerar e conceber os seres humanos, devem ser mais calmas e amáveis. Essa concepção parte do pressuposto de que o amor materno é inerente à condição biológica de reproduzir: “A convicção de que o amor materno é inato [...] é devido à imposição feita pela cultura, responsável pelo desenvolvimento do modelo de amor materno conhecido atualmente e com o qual temos convivido desde o séc. XIX” (LEMOS, 2009, p. 93).

Outra concepção que surge a partir da opressão patriarcal, é a de que a mulher deve ser reservada e resguardar seu sentimento para si, sendo esta mais uma das formas de controle que o patriarcado implantou na sociedade e bastante vívida na sociedade oitocentista e até mesmo nos dias atuais, visto que havia a preocupação de que as mulheres pudessem expressar os seus sentimentos, principalmente o de revolta, pois os homens temiam que as reivindicações femininas realizassem alterações na estrutura social e colocassem o sexo feminino acima do masculino. Por esse motivo, tudo que as mulheres sentiam, viviam e pensavam devia ser podado, modulado e encaixado no modelo patriarcal, ou seja, deviam visar apenas os benefícios para o sexo masculino.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa podemos perceber que Austen tentou construir a personagem Elinor como uma pessoa racional, mas que não perdesse a sua leveza e doçura, no sentido de ser um ser humano também cheio de erros e acertos e que por fora aparentava ser dura, mas por dentro também tinha seus momentos de melancolia, conforme exemplifica o seguinte trecho: “Elinor teria que consolar os demais em sua dor, quando ela própria sofria” (Austen, 2010, p.178). A personagem em questão criou uma espécie de muro entre o seu mundo interior e o mundo exterior, por ter muito receio de demonstrar seus sentimentos, e transpassar uma imagem que por vezes não condizia com a realidade.

Podemos afirmar, portanto, que as relações pessoais a partir do final do século XVIII passam a ser regidas por um sistema burguês e patriarcal, onde, em suma, as mulheres eram vistas como inferiores aos homens pelo simples fato de ser mulher. A Revolução Industrial colocou a mulher em situação de desigualdade, visto que algumas funções passaram a ser vistas como sendo unicamente femininas, a exemplo dessas funções podemos citar o labor doméstico, que abrange o cuidar da casa, dos maridos e dos filhos. Em contrapartida foi-lhes recusado o acesso à educação e, consecutivamente, aos cargos públicos.

Através da composição de um rico universo ficcional no que tange as múltiplas vozes discursivas das personagens femininas presentes na obra de Jane Austen, é possível visualizar o contexto da sociedade do século XIX, através da postura de suas personagens no cotidiano. Percebemos que as pressões sociais da época, podiam influenciar o destino das mulheres, especialmente quando elas necessitavam de dinheiro para manterem-se dentro dos padrões sociais.

Diante da análise feita, constatamos que a personagem Elinor, tem um posicionamento diferente das questões impostas pelo modelo de sociedade patriarcal descrita no romance. Por mais que esteja inserida na sociedade em questão, onde o casamento era visto como inserção social, ela manteve o equilíbrio em escolher o seu futuro marido, longe das convenções sociais. Usando os conceitos de amor e razão. Além disso, vimos também que as mulheres não podiam herdar herança alguma fazendo com o que o desespero dessas mulheres



aumentasse nesta ideia de que o casamento seria a melhor opção para elas, sendo eles por amor ou apenas por ascensão social.

Austen foi precursora da narrativa feminina, utilizou os seus textos como forma de criticar a sociedade da época, de maneira indireta, mas que conseguiu causar um grande feito nos dias atuais, tornando-se símbolo da luta pela equidade entre os gêneros.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, H. **Biography of Jane Austen**. Londres. Reimpressão, 1833.

AUSTEN, J. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Adriana Santos Zardini. São Paulo: Editora Landmark, 2010.

BARRETO, M.P.S. **Patriarcalismo e o feminismo**: Uma retrospectiva histórica. Revista *Ártemis*, vol. 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2363/2095>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

BIGUELINI, E. **O triunfo do casamento por amor: JANE AUSTEN E O MATRIMÔNIO (TCC)**. Universidade Federal do Paraná (UFPA), 2009. Disponível em: <<http://www.generos.ufpr.br/files/78ec-monografia-elen-biguellini.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUSS, A. **A representação da família inglesa nos séculos XVIII e XIX através dos romances “orgulho e preconceito”, “razão e sensibilidade” e “persuasão” de Jane Austen (TCC)**. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), 2011. Disponível em: <<http://dspace.unesc.net/bitstream/1/870/1/Ariana%20Buss.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2017.

CAMPOI, I.C. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta**: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História (São Paulo)* v.30, n.2, p. 196-213, ago/dez 2011.

DUARTE, C.L. **Nísia Floresta**: vida e obra. 2ª ed. Natal: Editora Universitária (UFRN), 2008.

FELIZOLA, C.; MOREIRA, J. **O Romantismo Inglês e o Romantismo Brasileiro na Literatura**. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/veralima/romantismo/ensaios/romantismo\\_ingles\\_brasileiro\\_q3i\\_a.pdf](http://www.letras.ufrj.br/veralima/romantismo/ensaios/romantismo_ingles_brasileiro_q3i_a.pdf)>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FLORESTA, N. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

GIRARDI, L.J. **O trabalho no Direito**. Brasil: Coli, 2005.

LEMOS, C. **Maternidade e Religião**: entre o ideal do altar-trono de Maria e o real da vida cotidiana das mulheres. In: DUARTE, S.; LEMOS, C. A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

MOTTA, C.N. **Literatura romântica de língua inglesa no século XIX**: transformações e transgressões na dinâmica constitutiva do imaginário oitocentista e do sujeito de um contexto histórico em construção. Disponível em: <[http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468205505\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468205505_ARQUIVO_artigoanpuh.pdf)>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

MOURA, F.K. **A sensibilidade de Marianne Dashwood: um olhar feminista sobre a personagem de Jane Austen** (TCC). Universidade Tecnológica do Paraná (UTPR), 2015. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3958/1/CT\\_COLET\\_2014\\_2\\_08.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3958/1/CT_COLET_2014_2_08.pdf)>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

**OBRAS DE JANE AUSTEN**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Obras\\_de\\_Jane\\_Austen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Obras_de_Jane_Austen)>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

**O papel das mulheres no Século XVIII e a influência da Revolução Francesa**. Disponível em: <<http://temafeminismopolitico.blogspot.com.br/2015/03/mulheres-do-seculo-xviii.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

RIBEIRO, A.L. **Razão e sensibilidade: a desconstrução do mito da fragilidade feminina**. PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

ROSENFELD, A.; GUINSBURG, J. **Romantismo e Classicismo**. Disponível em: <[http://miniweb.com.br/literatura/artigos/Rom\\_Class.pdf](http://miniweb.com.br/literatura/artigos/Rom_Class.pdf)>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

TORRÃO, S. **Jane Austen: Perspicácia e talento**. Disponível em: <<http://www.revistaestante.fnac.pt/jane-austen-perspicacia-talento/>>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Trad. de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZARDINI, A.S. **A identidade feminina na obra 'orgulho e preconceito' de Jane Austen**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.